Anno I — N.º 2 Lisboa, 3 de Junho de 1913

O Moscardo

SEMANARIO HUMORISTICO

ZUMBE, ZOMBA E FERE... O RIDICULO

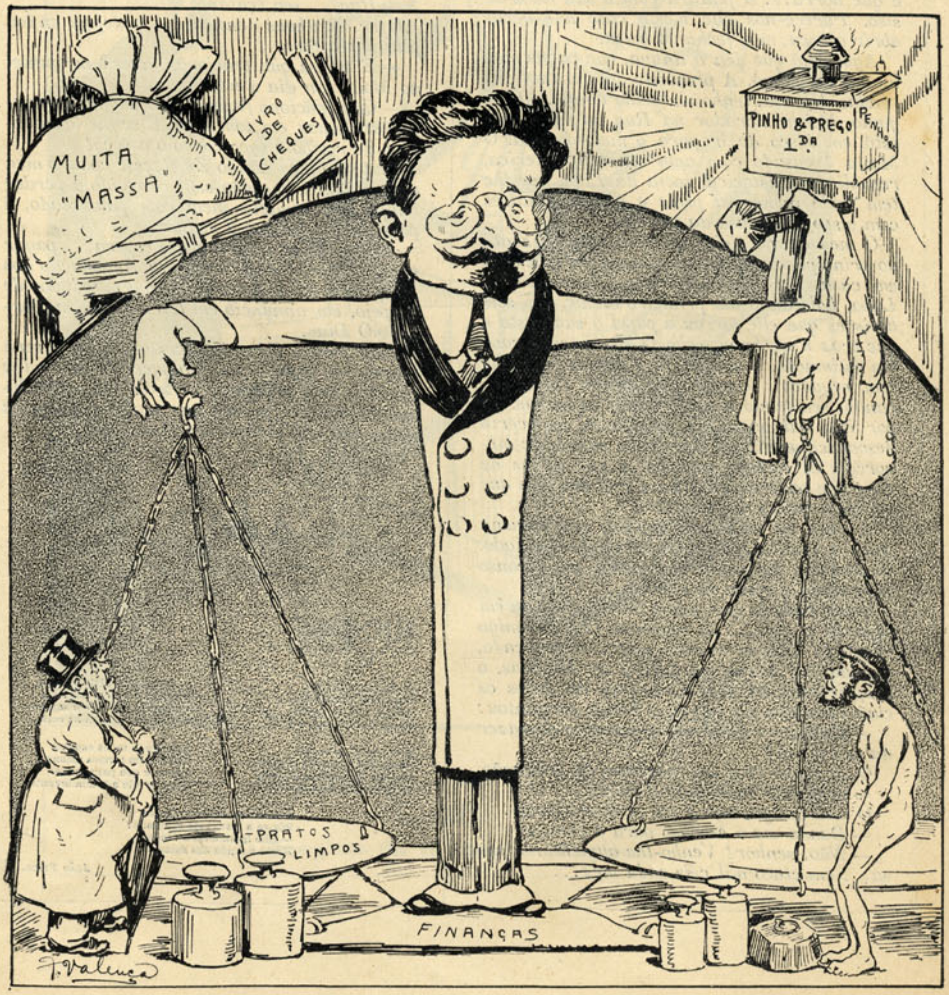
PUBLICA-SE ÁS TERÇAS-FEIRAS

Director e Proprietario: *Francisco Valença*
Director litterario: *Carlos Simões* — Editor: *José Serra*
Preço 2 centavos

Administração: Rua Nova do Almada, 36, 3.º
Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27
Casa de venda: 34, Rua Marechal Saldanha, 36

Exigir do vendedor O MUSEU D'O MOSCARDO, suplemento que acompanha este numero

Balança... braçal



O Zé e o senhorio preparam-se para entrar na balança... da justiça
Para que lado penderá ella?

O caso da actualidade é o aumento das rendas de casa. A figura do senhorio de cabello na venta e pellos no coração, usurario e fóca está em fóco. Assim que soube das medidas de fazenda não esteve com meias medidas, tratou logo de pedir mais «téca pela tóca».

Bastou-lhe este pé para estender logo a mão. O Zé, que á exigencia devia ter feito um gesto significativo e de mão... cheia, fez um comicio, onde em vez de tratar da casa... meza e roupa lavada, foi tratar da roupa suja.

Este Zé é um barra, que bérra, que birra e que bórra... a pintura com a sua falta de siso. Parece-nos que n'este caso não devia abrir a boca, mas fechar a bolsa.

Agora, já que deu á lingua, que pague com lingua de palmo. A proposito do aumento das rendas de casa, tenho um velho amigo, o Olegario Moita, morador na Rua do Meio, que está em risco de ir para o meio da rua. O Moita é casado com uma senhora histerica, republicana historica, socia da Liga, que lhe tem dado numerosa prole e alguns jantares com bispo por causa da politica.

O meu amigo vivia relativamente feliz até ao principio de Maio, quando um raio lhe caiu em casa. Ha oito annos que é bairrista da Lapa, habitando um primeiro andar com seis divisões que elle forrou a papel á sua custa e que traz n'um brinquinho. O Moita tem a casa em estimação, e sobretudo o quintal, que elle tem regado... com o suor do seu rosto, cavando, semeando e construindo capoeiras. E' por isso que quando o visito, elle, com certo desvanecimento, me mostra os casaes de minorcas, os coelhos angoras, e uns botões de rosa que parecem repolhos e uns repolhos que parecem botões de rosa.

A casa só tinha um defeito, era pequena para a familia mas isso parecia remediado. O senhorio tinha-lhe promettido um esconso onde cabia a cama da criada.

Ora o raio de que acima fallei e lhe caiu em casa foi o raio... do senhorio. O meu amigo Olegario Moita estava muito descançado, quando lhe entrou em casa o sr. Matheus, o proprietario do predio. Depois de feitos os cumprimentos do estylo, o Moita perguntou:

— Então, sr. Matheus, a que devo o prazer da sua visita?

O senhorio teve um momento de hesitação.

— Venho-lhe aumentar a casa...

O meu amigo, com o seu melhor sorriso:

— Dando-me o esconso para a criada?

— Não, senhor! Venho-lhe aumentar a casa... em cinco mil réis cada mez...

O Moita teve um sobresalto de indignação, ia a chamar-lhe bandido, mas conteve-se e permaneceu calado

O senhorio, julgando que quem cala consente, continuou:

— Sim, porque V. Ex.ª bem sabe que a Republica está disposta a reduzir os proprietarios á miseria, aumentando-lhe as contribuições...

O meu amigo Moita... quatro vintens.

O senhorio continuando sempre:

— E depois com o Affonso Costa no poder, é para nos tirar a camisa e nos levar a pelle. Sim, V. Ex.ª comprehende... que... que...

O meu amigo Moita... carrasco. A esposa é que estava fula e na sua qualidade de histerica e historica, ameaçava fazer explosão.

Finalmente o meu amigo Moita, saindo do seu «moitismo», teve, então, um gesto de indignação, e cheio de colera, apontando-lhe a porta, berrou:

— Rua... seu tratante!

O sr. Matheus «enfiou...» e depois enfiou pela porta fóra.

— E agora que tencionas fazer? perguntei ao Moita um dia d'estes.

— Que tenciono fazer? Não pago o aumento! exclamou em tom seco. E se me lá apparece de recibo e saco corro-o a sôco!

Ora se o meu amigo Zé fizesse como o meu amigo Moita, que não está resolvido a perder tempo com comicios nem com palavreado, é possivel que levasse a melhor.

Assim, já se sabe o que o espera... pagar e não bufar, porque lá está a Associação dos Proprietarios ameaçando-o com mandados de despejo, em annuncio em letra gorda, no jornal «O Dia».

Não tome o Zé uma decisão pratica e verá dentro em pouco, que qualquer casinhola lhe custará uma «renda...» Bruxellas ou Melines, o que me parece ser muito luxo para quem não tem muitos rendimentos.

C. SIMÕES.

RENDAS

D. Dengosa del Rio
Da Cunha Penagulão
Affirma não ter razão
De queixa do senhorio.

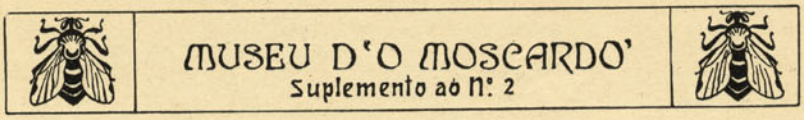
E enternecida revela
As acções d'aquella prenda;
Quando lhe levanta a renda
Menos renda paga ella...

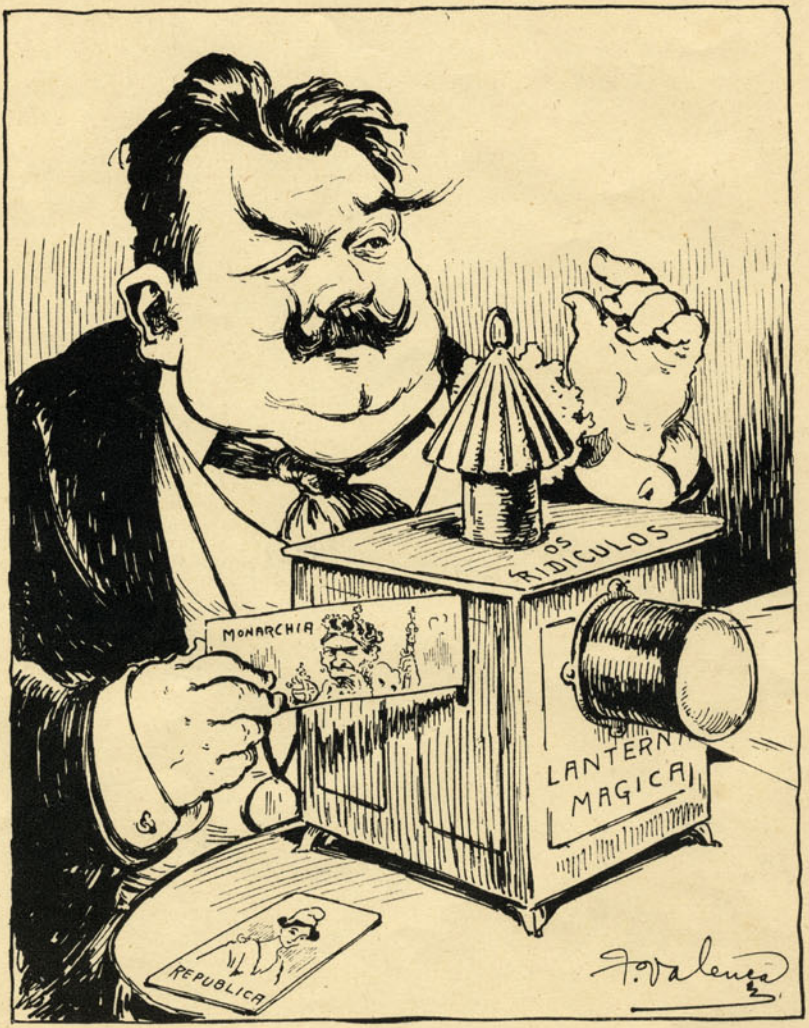
— Póde lá ser! Diz o Soisa
O Costa, o Sá e o Alfredo.
— Póde lá ser! E em segredo
Commentam: Aqui ha coisa...

Palavra, a todos espanta
Ouvil'a em termos amenos,
Affirmar que paga menos
Quando elle a renda levanta.

Porem, em casa das Maias
Pôz-se a claro esta contenda:
— Elle *levanta-lhe a renda*
Mas é a renda das saias...

João Pisco.





C. M.

O «magico» da «Lanterna Magica»

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES, 24.

O Dia, n'uma noite d'estas, em artigo de fundo sahido do fundo *d'alma*... viva do sr. Moreira de Almeida, exclamava em tom de ameaça: — *E' fartar! E' fartar!*

Sua Ex.ª, que falla de papo, é porque a *coisa* está para breve. E sendo assim, não se zangue, porque lá lhe chegará outra vez a vez. Então para consolo da falta do consulado de Banana, a *restaurada* nomeal-o-ha certamente ministro de *Pera*... de compota, em Constantinopla.

⁂

O Thalassa, no seu ultimo numero, insere um *conteco*, intitulado *Um equivoco*. E' a photographia de um thalassa com t pequeno porque o T grande fica de reserva para a *cabeça* do jornal e para a têsta... dos correligionarios. A historieta resume-se n'um Felismino Valente, *valentão* e thalassão de marca, que apanha um susto, porque anda atraz d'elle um gareto de jornaes a gritar — Olha o thalassa!

O conto fecha assim — *E infelizmente ha tantos Felisminos, pois não ha!*... Ora se ha, tantos, tantissimos, mesmo quasi todos. Para amostra basta a valentia com que elles defenderam o regimen em 5 de Outubro, e a coragem com que mostraram as solas das botas, em frente de Chaves e Valença.

⁂

O mesmo supra citado semanario, em dois *sueltos*: *Vem com pressa* e *Aborto Zoologico*, faz referencias á nossa apparição. No primeiro *suelto* ainda ha uma certa delicadesa, quanto ao segundo é grosseiro e pobre... de espirito. Como o *Moscardo* não pode estar a perder tempo com *gado ruim*, dirá somente que, na sua qualidade de moscardo, está no seu direito de *picar* as alimarias, como estas, no seu genero de asinus, estão tambem no seu direito de responder com... *coices*.

⁂

Em reunião do Congresso, foi prorogada a sessão legislativa até 14 do corrente com a faculdade de ir até ao fim do mez. Isto deve acarretar transtorno aos que tenham que *fazer*, mas para outros é uma mina. Os quatro *marrecos* (3333) é um d'estes *esguiços* que sabe bem *ver* todos os dias.

⁂

Os Ridiculos, por tabella, atira-se de cabeça ao vaso... manuelino da *charge* da primeira pagina do nosso primeiro numero. A'cerca do *espirito de vinho de 40°*, mencionado no suelto, diremos que, devido ás suas propriedades de tirar nodoas, nos vemos forçados a usar d'elle, não nos nossos desenhos, mas quando somos attingidos por salpicos de lama viscosa.

⁂

O Moscardo vê, contristado, o andarem a cada passo a matar o bicho do ouvido ao Sr. Nunes da Matta, chamando-lhe o *Nónes*.

A nossa sympathia por Sua Ex.ª é devido a ser *abelhudo*, isto é, ser um desvelado amigo das abelhas.

Entre moscardos e abelhas se não ha um grande parentesco, ha todavia uma certa affinidade do ferrão, e d'ahi resulta a nossa admiração pelo Sr. Matta.

Se nos fosse dado darmos conselhos a alguem, diriamos ao Sr. Nunes que não se importasse com o *sobriquet*. Na Hespanha, o ex-presidente do conselho, sendo uma alta capacidade e um grande vulto politico, tambem é Nónes. Não se chama elle Romanones? E' uma questão... religiosa e apenas de Roma a mais ou a menos.

Cartão d'agradecimento

A todos os nossos colegas da imprensa que se referiram ao aparecimento do 1.º numero d'*O Moscardo* agradecemos, penhoradissimos, a sua amabilidade.

Ao *Thalassa* diremos apenas que quebrariamos o nosso lapis e a nossa penna se passassemos pelo vexame aviltante de lhe merecer o mais leve elogio.

Um violinista celebre

Quem não conhece o grande Alpheu Victal, o surprehendente *virtuose*, o incomparavel violinista? Creio que, com verdade, ninguem poderá dizer: nunca vi tal Victal. Quem não o conhece de o ouvir tocar, conhece-o de ouvir fallar n'elle. O seu nome já se tornou um renome.

Filho de gente de titulos nobres e de titulos... ao portador, logo ao nascer, soltou uns vagidos tão suaves, tão musicaes, que a parteira exclamou — Que encanto de menino! Não parece que sahiu de uma *condeça*, parece que veiu de uma caixa... de musica. Aos 15 annos, sem ter entrado no Conservatorio, nem sahido da Academia dos amadores de musica, era o primeiro violino entre os primeiros da sua orchestra. O valor de Victal não está só na execução, mas na forma como assimila os grandes mestres, tocando-os á primeira vista. Bem disposto e á vontade, pode estar a pensar nas coisas mais materiaes d'este mundo, que a musica nada perde com isso.

Uma vez na Figueira, para não perder o tempo e o comboio, tirando deliciosas arcadas do violino e moedas de uma mala, pagou 200 mil réis em prata á orchestra sem trocar... uma nota. O seu ultimo prodigio de assimilação foi o verão passado em Cascaes. Convidado para um concerto de caridade, o Alpheu ia estreiar um solo escripto expressamente para elle. Confiado no seu valor e no do compositor, nem sequer passou pela vista a musica. Dentro de um Brazier, por um sol de abrasar, tomou o caminho da pittoresca villa. Com a velocidade do automovel, o chapeu ia-lhe voando e á falta de outra coisa, o prodigioso artista dobrou o solo e metteu-o na tira do chapeu, conseguindo assim encaixá-lo com segurança sobre a farta cabelleira. O *auto* corria pela estrada e o suor corria-lhe pela testa. O sol vinha a pino e o Victal ia alagado em agua. No casino a sala estava á cunha. As cadeiras, cheias de senhoras... cheias e magras, estavam apinhadas, vendo-se os cavalheiros na necessidade de estar de pé. Quando Alpheu subiu ao estrado, uma vibrante salva de palmas o acolheu. O portentoso, o grandioso artista, lançou os cabellos para traz e um olhar dominador pela sala. Agarrou no *stradivarius* e dirigiu-se para a estante, desdobrando o solo que ainda estava humido de suor, mas oh! decepção, oh! horror, o papel estava em branco e o artista tambem. Com o suor, as notas tinham desaparecido... Tremulo, ia a perder os sentidos, quando lhe ocorreu á memoria o trecho que nem sequer tinha visto.

Febrilmente, agarrou no arco e começou a ferir as cordas do violino. A peça foi tocada com tal emoção, que *tocou* todo o auditorio. Uma trovoada de bravos e palmas coroou a nota final. Um grande phenomeno de assimilação se havia dado: o suor e a tinta, atravessando-lhe o coiro cabelludo, tinham sido absorvidos pelos vasos capillares, os quaes por seu turno se estravasaram no cerebro do artista.

E foi assim que o prodigioso, o surprehendente, o incomparavel violinista tocou o solo... *de cabeça*.

CARLOS SIMÕES.

O somno dos justos

Leis de peso... e medidas de valor que dormem o pesado somno do esquecimento